



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista,,"

DIRECTOR E EDITOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

RED. E ADM. LARGO JOSÉ NOVAES. COMP. E IMP. CENTRO DE NOVIDADES

Tribunaes para creanças



cada passo assistimos, na sala das nossas audiencias, com todo o seu ar severo e magestoso, ao julgamento de menores delinquentes.

Leva-os ahi uma investigação criminal imperfeitissima, onde nunca apparecem estudados o character, a ascendencia, o meio familiar do accusado.

Quem é essa creança que se vai sentar no banco vulgar dos malfeitos? Vagabundo, ladrão, aggressor, que causas o levaram a praticar o facto que o arrastou aos tribunaes?

E' um degenerado, victima innocente do alcoolismo, da tuberculose, da syphilis, da fraqueza physica dos paes?

E' o mau producto de um ambiente social vicioso? Que familia tem, como o educaram, de onde vem' a sua falta de senso moral, de probidade ou de piedade?

Porque furtou, porque aggreuiu, porque vadiou?

E esse *porque* não é simplesmente a razão *occasional*, nem se averigua com os depoimentos apressados e superficiaes de algumas testemunhas.

Só um longo e delicado inquerito, feito

com methodo e com escrupulo, pode responder a essa interrogação que é a base de qualquer tratamento penal que não seja uma illusoria mentira.

Para esse inquerito, entre outras coisas, é essencial o estudo directo e, muitas vezes, o exame medico do pequeno delinquente. Esse estudo limita-se, porém, entre nós, ao interrogatorio feito do alto da cadeira do juiz, em meia duzia de perguntas seccas, a que a creança responde quasi sempre desconfiada ou medrosa.

O ambiente de uma audiencia criminal, com o grande ar de intimidção e de solemnidade, sendo muitas vezes profundamente desmoralizador para a alma infantil, torna impossivel esse estudo directo sobre o pequeno delinquente.

E é ve-los, como se apresentam no tribunal, de ordinario com o ar espantado e des-norteado de um passaro que cahiu na rede!

Que elementos serios tem o juiz, baseado apenas numa investigação criminal tão defeituosa, para proferir uma sentença?

E de que penas dispõe para corrigir esse pequeno transviado do caminho recto da vida honesta?

Umaz vezes, por piedade, absolve-o e a creança vae cahir de novo frequentemente no mau ambiente que a levou ao crime e accentuar ou aggravar a sua degenerescencia.

Outras vezes é a uma escola correccional,

que o menor criminoso vae dar, sem que se averigue primeiro se não será preferivel outra especie de tratamento penal, sem que se saiba mesmo o genero de correcção de que a creança precisa.

E, tantas, tantas vezes, é na prisão, n'esse meio corrupto e desmoralizador da cadeia commum, que o pequeno delinquente espera o destino que lhe vão dar ou cumpre a pena que lhe impuzeram!!!

E' necessario demolir todo este systema archaico e absurdo do julgamento dos menores criminosos.

Nos Estados-Unidos, iniciou-se ha dez annos um largo movimento da opinião publica, em favor da criação de tribunaes especialmente organisados para o julgamento das creanças. E gradualmente foram-se creando em todo o territorio norte americano as *Juveniles Courts*, para julgarem todos os menores de 16 annos, criminosos ou moralmente abandonados.

Em regra, porque a sua organização varia de Estado para Estado, preside ao tribunal um só juiz que é escolhido não pelo seu luxo de saber juridico, mas pelos seus conhecimentos praticos e seguros da alma infantil.

Habitado a julgar somente creanças, a conhecer, a adivinhar as suas emoções, sabendo insinuar-se no seu espirito e obter a sua confiança, o juiz da *Juvenil Court*, adquire uma superior competencia para o exercicio do seu cargo.

A sala das audiencias não tem o seu ar severo e espectacularo, dos julgamentos ordinarios.

E' preciso que a creança esteja á vontade, *como se fosse em familia, num meio que a não opprima, nem amedronte.*

«Eu observei sempre, diz-nos o Juiz Stubbs, que, quando estava sobre o estrado, detraz de uma grande secretaria, como a dos outros tribunaes, as minhas palavras produziã muito pouco effeito sobre a creança que se sentava no banco dos reus; mas se estava bastante perto d'ella para lhe pôr a mão sobre a cabeça ou sobre os hombros, na maioria dos casos conseguia ganhar a sua confiança.»

Porque o juiz da *Juvenil Court* deve tratar os pequenos delinquentes como um pae, que consiga captar-lhes a confiança e ser carinhoso para elles, mesmo na sua maior severidade.

«Esforcei-me sempre por proceder em cada caso, diz um outro Juiz, Tut-hill, com a mesma attitude que teria, se diante de mim estivesse, no meu gabinete de trabalho, o meu proprio filho, accusado de um delicto.»

Junto a cada Juiz ha dois funcionarios (Probation officers) encarregados de fazer o inquerito mais completo que possam sobre a creança delinquente e no acto do julgamento chamar a attenção do Juiz sobre as particularidades interessantes que tenham descoberto n'esse inquerito.

O Juiz tem plena liberdade para decidir do tratamento penal a dar ao menor.

Nunca, porém, condemna a prisão.

Ou o manda para casas de correcção ou de reforma, ou o entrega ás sociedades de patronato ou de collocação familiar.

Mas, na maioria dos casos, se é a primeira vez que respondem, sujeita-os ao regimen da *liberdade vigiada*.

A creança criminoso é entregue a sua familia, se ella oferece garantias, mas fica sobre a protecção e fiscalisação dos «Probation officers».

Estes funcionarios fazem quinzenalmente um relatorio ao juiz sobre o menor; informam-se das notas que elle obteve na escola, ou do seu comportamento na fabrica aonde trabalha. E' muitas vezes a propria creança que leva estas informações ao Juiz que n'essa occasião a interroga, elogiando-a ou reprehendendo-a.

Se ao cabo de um largo periodo de vigilancia a creança se mostra inteiramente regenerada, é-lhe levantada a tutela official. Se é um incorrigivel, tomam-se rigorosas medidas a seu respeito e é internado em uma casa de correcção, sem outra forma de processo e até sem que tenha commettido um novo delicto.

Estes tribunaes têm dado magnificos resultados em toda a America. E, de tal forma correspondem a uma necessidade social, que tendo sido instituidos pela primeira vez em 1899, foram já adoptados pela Inglaterra

ra, Allemanha, Hungria, Russia e Australia e vão ser creados na Italia, na Austria, na Suissa e na Hollanda.

O seu funcionamento exige, porém, um pessoal com uma elevada competencia e uma solida honestidade. E' preciso tambem que elle tenha um grande amôr pelo cargo que exerce.

Fallando dos «Probation officers» diz Tut-hill: «A lei ficará lettra morta, se não se encontram homens e mulheres para tomar conta das creanças (sujeitas ao regimen da liberdade fiscalisada) em nome do Estado, com o bom senso, a paciencia e o amôr que os bons paes testemunham aos seus filhos.»

Era uma elevada obra de justiça e protecção social que procurassemos acclimatar entre nós os Tribunaes Americanos para creanças delinquentes, a principio nos grandes centros, depois nas outras comarcas, á proporção que tivéssemos um pessoal competente.

E o que se impõe desde já é a criação de audiencias especiaes para julgamento de menores e a prohibição absoluta de serem internados em prisões communs.

Quem mais do que as creanças nos deve merecer carinho e piedade?

J. B.

Historia d'uma infanta indemoninhada

(FRAGMENTO)

*Inda o sol vinha na serra,
Mal nascido fôra o dia,
Já Dom Beltrão d'alem-Mar
Do seu castello saía,
Com seus monteiros ao lado
Pra a caça d'altanaria,
Que désque não guerreava
Nem outra coisa fazia.
Lá em riba da montanha,
Que muito alto assubia,
Dom Beltrão se repousava
Mail-a sua companhia,
Quando adregou de passar
Naquella escarpa sombria
Um zagal de longes terras
Que a sua frauta tangia.
— «Que lindo loear o teu,
Quem, zagal, l'ô ensinaria?»
— «Não foi mi padre nem madre
Nem los maior's da familia,
Mas a nova que me deram
De grande merencória.»
— «Conta, conta, pastorinho,
Que te escuta a companhia.»
— «Pois que o saiba vossa alteza,
Saiba-o vossa senhoría,
A filha do nosso rey
Perdeu de todo a alegria,
Entrou-lhe o démo no corpo*

*Já passa d'um anno e dia.
Quizeram pôr-lhe os preceitos
Mas de nada lhe valia,
Metteu-a el-rey n'uma igreja
Donde a triste não saía,
A quem quizesse guardal-a
Grande tença promettia,
Pois que a traça era arriscada
Pera quem a acomettia.
Cheia de fome a princeesa
Os proprios guardas comia.
Vão fidalgos, vão malados,
Vão villões de companhia,
Pera alcançarem a tença
Que o senhor rey promettia.
Ay, mas quem na igreja entrava
Nunca mais d'ella saía,
E só los ossos fleavam
Do que a traça acomettia.
E ora aquí se acaba o conto,
Fique em paz a senhoria,
Que o sol não tarda a sumir-se
E eu já disse o que sabia,
E já me vou de longada
Pra os pastos da serrania.»
— «Acima, acima, monteiros!
Antes que escureça o dia
Devemos de estar de volta
Da caça d'altanaria.»*

*— «Senhor rey já da minh'alma,
Vos saúdo em bom saudar,
Venho a rogar-vos mercê
Da vossa infanta guardar.»*

— « *Quem és tu, ó cavalleiro,
Tão cortez no seu falar
E que tem tamanha freima
Da minha filha guardar ?* »
— « *Bem deveis de conhecer-me,
Sou Dom Beltrão d'alem-Mar,
Andei nas naus embarcado
Com os moiros a brigar,
Todalas brigas ganhára
Só perdêra nas do azar,
Pois todalas minhas terras
Nas távolas fui jogar
E do que tinha só tenho
Pouco mais que pra manjar.
Per isso venho a rogar-vos
Mercê da infanta guardar,
Se sair vivo da igreja
Grande tença heis de me dar.* »

*Por aquella estrada fóra
Vae Dom Beltrão a scismar,
Caminho da igreja velha
Onde a infanta ha-de ir guardar,
Quando tópa uma velhinha
Que estava alli a esmolar.
Dá-lhe Dom Beltrão a bolça
Que não tinha mais que dar
E la segue estrada fóra
No seu triste meditar.
E vai então a velhinha
Assim começa a falar :
— « Dom Beltrão, ó cavalleiro
De tão nobre cavalgar,
Mal que tu chegues á igreja
Vai-te esconder trá-lo altar,
Que até luzir a manhã
Tudo em bem se ha-de passar. »
Dom Beltrão pára na estrada,
Logo deixa de scismar.
Dá-lhe o coração um baque . . .
Quem lhe estivera a falar ?
Se fóra Nossa Senhora ? . . .
Dom Beltrão vai-se a voltar . . .
Mas sumira-se a velhinha,
Descobria-se o luar.*

Do "SOB OS CHOUPOS,, em conclusão

JOÃO DE LEBRE E LIMA.

Reflexoterapia

O titulo é estranho e rebarbativo. Mas os nomes não fazem nada ao caso; a gente vê caras e não vê corações, lê nomes e não conhece por elles as ideias que se podem seguir.

Ora *reflexoterapia*, significa tratamento por meio da reflexão. Da mesma forma que empregamos em medicina: *soroterapia*, *hydrotherapia*, *electrotherapia*, *radiotherapia*, e mais coisas bonitas sempre terminadas por *therapia*.

E essa reflexão, esse remedio, essa panacea, esse elixir, essa droga, não se encontra — não! — em pharmacia alguma

Diz o poeta:

Ai! não haver na botica,
remedio para quem está só . . .

Pois o homem irreflectido, assomadiço, impulsivo ou estoira-vergas, é justamente e por excellencia o homem desacompanhado, isolado, desprotegido, desamparado da gran de força da vontade, da reflexão, do pensamento meditativo.

E essa poderosissima droga, esse *alcaloide* moral, encontramos-lo no nosso proprio organismo, onde ha de tudo como na botica.

Pensar! Pensar! Eu sei, eu sei, que a pensar morreu um burro! Mas, — com perdão de vóssorias — burros sômos todos nós ao menos uma vez na vida . . .

Burros se chamam os casados infelizes, os jogadores . . . que perdem, os caçadores que erram a pontaria, — todos aquelles que deixam passar uma occasião. Burro é o que não tem mão em si, o que faz uma coisa impensadamente, o que desperdiça tempo . . .

E o tempo, o tempo não volta; não volta o passado,

porque, ai! o tempo passado
nunca mais ha-de tornar . . .

Pois por meio da reflexão, tanta coisa se pode evitar! Pensar no que se vae fazer, pensar durante a acção, pensar depois de consummada a obra:

Antes, durante e depois.

E' pensamento demais? Não é! O homem pensa, o homem pensa sempre.

Se dorme oito horas, o homem pensa durante o espaço que vai entre oito e o numero de horas do dia que creio ser 24... Não faz outra coisa senão pensar. E até em sonhos pensa, em coisas ideaes, boas ou más: castellos na Espanha ou a morte da bezer-ra... E' verdade que quem pensa não casa. Mas isso era antes da lei do divorcio...

Essa força enorme do pensamento, é um rio caudaloso que vae desaguar no oceano da Vontade.

Mas assim como um rio minguido, mor-

Para vencer! Pois se a vida é uma lucta, e viver significa resistir.

E, agora vereis, se o Pensamento assim não é uma força creadora de habitos. Não ha ninguem, ninguem, ninguem que *queira* ser mau.

Se ha maus — e ha-os! — é porque instinctos maus ou maus habitos não são nelles dominados. Mas pensem, pensem muito num caminho a seguir e verão se esse caminho não toma vulto, não é decisivo e creador como uma estrada recta que corte



NA «MARQUISE» DA CARREIRA DE TIRO — BARCELLOS

Cliché de A. Soucasaux

Simili-gravura de M. Abreu.

rendo por entre areias doiradas mas este-reis, não dá grande contingente ao mar; — porque — não sei se sabem — todos os rios lá vão ter, — podemos nós fazer derivar afluentes de pensamento rico e são, para engrossar o tal rio desfallecido, para o avivar, para o animar, para o converter em força, em mar, em acção, em obra poderosa.

E, então, em vez dum riacho lodacento, titubeante, — perdido no areal ingrato, — nós teremos as ondas fortes e temerosas, as que batem em resaca, as que erguem fortalezas de espuma e arietes de vagas, para resistir e para vencer.

a prumo e leve ao fim, ao futuro ao destino, ao alvo, ao Ideal!

Newton descobriu a lei da gravitação pensando nella sempre. Nós podemos descobrir, fazer, trabalhar, crear, enfim tentar que só ha um esforço perdido, o que é transviado, o que é á tôa, o que a irreflexão desfaz.

Pensar para agir; agir para tornar a pensar. E depois, morrer. Mas ha os que morrem e os que se deixam morrer.

GASTÃO CORRÊA MENDES.

AS ANDORINHAS

*As andorinhas vão em revoadas,
Procurando os paizes de além-mar . . .
Não se ouvem já canções das esfolhadas,
Chegou a hora triste de emigrar.*

*Adeus sol claro, roseas madrugada,
Adeus noivados pelo azul do ar . . .
E varandas de cravos perfumadas,
Aonde os ninhos se iam occultar . . .*

*Mas ha-de consolar-vos na partida
A doce esperança, que a estação florida
Volta a trazer-vos á alegria antiga.*

*Assim tivesse o meu coração triste,
Na hora dolorosa em que partiste,
A suave luz de uma esperança amiga !
Novembro 1910.*

V. CABRAL.

Barcellos nocturno

BATERAM no relógio do David as dez da noite.

O metal vibrou agudamente aquellas pancadas lentas e incertas, de mistura com o ruído desharmonico de um arame em bolandas, que quasi sempre se engasga a meio da tarefa, como se estivesse a contar as pancadas que ainda faltam.

Os estabelecimentos commerciaes conservam cerradas as suas portas em obediencia a uma lei que se chama do descanso.

Na calceta lisa do largo, onde hoje não medram aservas que os antigos e primitivos habitantes do municipio deixavam crescer para pasto dos seus animaes domesticos, retinem pesadamente as bategas de agua d'este inverno ameaçador, cujo ruído contrasta singularmente com o silencio e taciturnidade de uma vida que se extinguiu.

Aqui e além, a indecifráveis metros de distancia, bruxoleiam reflexos amortiçados de umas lanternas historicas, uma das mais primorosas reliquias d'este velho municipio

e que já ha muito deveriam ter o seu logar de honra n'um museu que para ahi existe em bilhetes postaes illustrados.

Na escuridão baça da nossa grande arte-ria commercial e aristocrata, lobrigam-se a custo raros vultos mysteriosos e fugidios, embuçados em amplas capas de agua, co-sendo-se com as paredes exteriores da casa-ria para melhor affrontarem a nortada rijá que lhes contunde a face vigorosa.

Intrepidos e ousados, levam na alma aquella coragem sentimental e heroica dos antigos guerreiros e trovadores, quando saham em expedição nocturna á cata de conquistas amorosas.

Nenhum som de voz humana a animar este silencio.

A's vezes chegam até mim os echos de passos abaçados e longinquos, cuja direcção eu não posso descobrir por causa dos rumores da ventania.

Abrigam-me da chuva as portadas gigantescas da casa de espectaculos da villa, ultimos vestigios de uma architectura celta que conseguiu escapar á acção demolidora dos romanos que vieram á península, e que era o edificio onde os antigos celtas assistiam aos sacrificios religiosos dos druidas.

Ainda hoje se pode contemplar sobre o edificio uma pedra rectangular que servia de base ás estatuas dos deuses, os quaes allí eram collocados á vez, segundo a ordem do calendario celta.

Mas deixemos o historico monumento, e desçamos por a ladeira que vae ter ao solar dos Pinheiros, cujo fundador anda a estas horas com as barbas atrancadas na garganta por causa de um duque seu vizinho.

A meio do caminho tive de ferir lume porque se me haviam enterrado os pés n'um precipicio. Era uma poça de agua, onde por certo se dessedentam os animaes extenuados e famintos, imitação simplista dos fontenarios da Sociedade protectora dos Animaes.

Mais alguns passos, e comecei a ouvir o murmúrio bulhento das aguas do Cavado, cahindo vertiginosamente do açude, e rolando em galões de espuma pelo leite negro e profundo.

Avancei decididamente por entre a escu-

ridão, em que as pupillas se me dilatavam n'uma ancia de descortinar alguma coisa, e pensei então no guarda vigilante que alli deveria estar arrumado na sua guarita de pedra, para defender a fazenda e a vida dos municipales de Barcellos.

A minha imaginação já o via de lança em punho, com a adárga poderosa a protegê-lo o peito, os olhos brilhantes a reluzirem por entre a armadura metálica do capacete, e uma espada cingida fortemente ao arnez.

Distrahido com estes pensamentos, fui topar com violencia o poste de um candieiro que ladeia a entrada da ponte e o choque fez-me cahir o chapéu, que apanhei todo coberto de lama.

—Diabo! exclamei. Eu estava a confundir Barcellos com uma villa da idade média.

Já aqui não ha muralhas, nem fossos, nem portas, nem sentinella!

E a aragem fresca do rio batia-me no rosto, como a acordar-me d'aquella illusão retrograda.

Debruçei-me um pouco sobre as grades da ponte, a vêr se conseguia medir com os olhos a altitude da agua. Impossivel! Deante de mim uma escuridão de breu.

Uma rajada de vento mais forte, atirou-me por uma vez o chapéu fóra da cabeça, que decerto lá foi a navegar sobre as aguas até á foz.

Fiquei desesperado.

Metti pela Nogueira acima, accendendo phosphoros a cada minuto, para não ir de encontro a outro guarda que por alli estivesse.

Dei então ao diabo a ideia da excursão nocturna.

Sacudiu-me um violento desejo: era o de me ver em casa, na tranquillidade benefica do meu *home*. Estuguei o passo e cheguei a alturas da Praça.

Olhei para cima, e vi por sobre as casas o reflexo de um clarão mysterioso que me intrigava.

Seria aquillo algum phenomeno astronomico que eu desconhecesse, ou seria porventura alguma estrella luminosa que me conduzisse, como aos pastores da Judeia, á porta da residencia?

O clarão ia augmentando á medida que

eu me approximava do Largo da Porta Nobre.

Ceus! Que vejo?

Um astro radiante parecia ter baixado das suas altitudes sidereas a esta nobre, historica e antiga villa de Barcellos.

Lá no cimo de um poste, um foco intensissimo de luz desalojava a escuridão da noite, e empunhava o facho ardente da civilisação.

Impellido por um instinctivo sentimento de homenagem quiz descobrir-me, mas já não tinha o chapéu.

E então, n'uma d'estas *poses* solemnes que fazem echo na vida de um homem, a voz embargada pela commoção, murmurei:

Salvé, ó villa de Barcellos!

JOÃO SEVERO.



TIRO NACIONAL

Sua importancia e suas vantagens

ZODO o povo ainda o mais humilde e insignificante, que tem pela sua autonomia e liberdade o maior amôr, pratica em elevado grau o tiro.

D'isto nos dá a historia uma prova frissante e esmagadora.

Ainda ha pouco, na Africa do Sul, um povo de laboriosos lavradores conseguiu dar uma lição severa aos numerosos exercitos inglezes que lhe invadiram o seu territorio, e que os teria aniquilado e espesinhado se não fôra a sua destreza e pericia no manejo das Mauzers.

Muitas e muitas vezes, a bala despedida de traz das trincheiras, com admiravel pontaria, foi a mensageira da morte para os soldados britannicos.

Por esta forma este pequeno povo se elevou no conceito unanime das nações cultas, e mostrou d'uma maneira clara e nitida o quanto vale o tiro nacional.

Desde então o movimento operado em toda a Europa a favor do tiro foi enorme.

A Allemanha, nação essencialmente militar, não confiando só no seu solido exer-

cito, cuida com desvelo e cuidado do tiro nacional e assim depende com elle quantias importantes e dispõe já de 4:500 sociedades de tiro.

A França, não obstante o seu exercito permanente, alimentado pelo systema de recrutamento pessoal e obrigatorio, pelo seu exercito de reserva e ainda pela reserva territorial, tem mais de 1:400 sociedades de tiro.

A Inglaterra, depois dos ultimos revéses, tambem se resolveu a ligar mais importancia ao tiro e tem sido bastante intensa a corrente estabelecida a seu favor.

A nossa vizinha Hespanha, depois dos ultimos infortunios porque passou, abandonou o espirito de conquista que sempre a seduziu para tratar de sua defeza.

O povo hespanhol olha já para o tiro civil como a salvaguarda dos seus direitos.

A Hespanha tem hoje a «Sociedad del Tiro Nacional» com as suas «representaciones» por todo o paiz.

Em Portugal, apenas existe a União dos Atiradores Civis Portuguezes, com as suas filiaes dispersas pelo paiz, mas com uma frequencia d'íminutissima e sem que se veja da parte do povo interesse ou estímulo por este genero de sport.

A importancia capital d'esta benemerita União, mostrou-se bem nos ultimos acontecimentos de 4 e 5 d'outubro.

Foi devido aos seus aturados esforços, que, na Carreira de Tiro de Pedrouços, receberam a aprendizagem aquelles que em poucas horas fizeram resurgir a nossa Patria.

Ao Governo Provisorio da Republica impõe-se-lhe o dever de tornar obrigatoria a frequencia nas carreiras de tiro, pois que, sem tal medida, não poderá contar com os elementos precisos para de futuro manter a nação livre e independente.

Não devemos comtudo esperar só do Estado o desenvolvimento do tiro nacional; ao povo pertence tambem contribuir com a sua boa vontade e com o seu patriotismo, para que entre nós se expanda, progrida e alaste o tiro.

Não devem ser os simples operarios para quem a fortuna é adversa, mas sim os grah

des capitalistas e industriaes que devem contribuir com os seus meios para se poder fazer vingar a causa do tiro nacional.

São os grandes aquelles que mais têm a perder, se a doce paz em que temos vivido um dia fôr alterada.

Deixar permanecer por mais tempo, no maior dos indifferentismos uma causa tão importante e tão digna de ponderação, chega mesmo a ser um crime, e oxalá que não desponte um dia, em que todos tenhamos de pagar bem caro o nosso desleixo, o nosso eterno socego, a nossa apathia e a nossa indifferença.

Trabalhar durante a paz e prepararmo-nos para as eventualidades futuras, é dever de todo o portuguez que não tenha pela sua patria um amôr simplesmente platónico.

N. B. B.



CONTOS

O meu relógio

Historieta instructiva

O meu bello relógio novo tinha regulado dezoito mezes sem se atrazar nem a-deantar, sem se lhe quebrar nenhuma parte do seu machinismo, e sem parar. Eu tinha chegado já a imaginal-o infallível nos seus juizos sobre as horas do dia, e a considerar como immorredouras a sua constituição e a sua anatomia.

Mas, por fim, uma noite deixei-o cahir ao chão. Affligi-me por causa d'isso, como se o facto fôsse um aviso, um presagio de calamidade.

Dentro em pouco, todavia, reanimei-me, acertei o relógio por calculo e bani todos os meus presentimentos e superstições.

No dia seguinte passei por uma relojoaria afim de acertal-o pelo tempo exacto, e o chefe do estabelecimento tirou-m'o da mão e procedeu a acertal-o para me obsequiar.

Então disse-me elle: «Está atrazado qua-

tro minutos — precisa o regulador um pouquinho avançado.»

Fiz diligencia por detel-o — esforcei-me por lhe fazer comprehender que o relógio regulava perfeitamente.

Foi tudo de balde; aquella cabeça humana não foi capaz de entender outra coisa senão que o relógio estava quatro minutos atrazado e que o regulador *devia* avançar um bocadinho; e por conseguinte, enquanto eu gyrei á roda d'elle n'uma verdadeira angustia, e procurei fazer com que me deixasse o

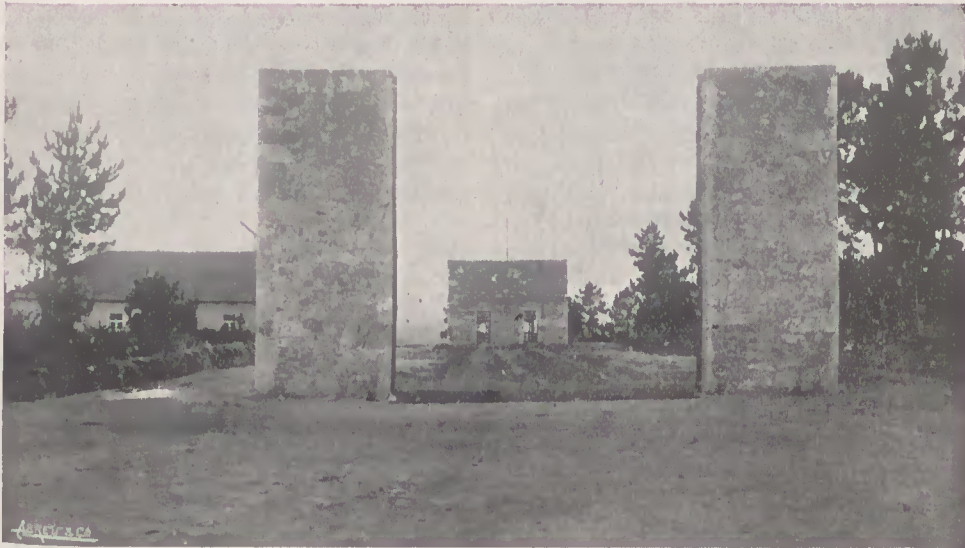
de maneira tão desagradavel e ruinosa, que se tornou insupportavel para mim.

Levei-o então ao relojoeiro para o regular.

Este perguntou-me se elle já tinha sido alguma vez concertado. Disse-lhe que não, que nunca tinha precisado de concerto.

Relanceou então um olhar de esperteza, perscrutando rapidamente o relógio aberto; em seguida assestou no olho uma lente e poz-se a devassar o machinismo.

Disse que precisava ser limpo e untado,



PARA-BALAS A 50 E 100 METROS DA CARREIRA DE TIRO — BARCELLOS

Cliché de A. Soucasaux

Simill-gravura de M. Abreu.

relógio quieto, elle tranquilla e crudemente levou a cabo o seu damnado intento.

Começou então o relógio a adeantar-se. E foi-se adeantando mais e mais cada dia. Dentro de uma semana parecia ter adoecido com uma febre violenta, chegando o seu pulso a marcar cento e cincoenta á sombra. Ao fim de dois mezes, tinha deixado muito para a rectaguarda todas as pendulas da cidade, e levava de dianteira ao almanach nada menos de treze dias. Estava já saboreando as neves de novembro, quando ainda as folhas de outubro estavam cahindo. Accelerava assim de tal modo a renda da casa, o pagamento das letras, e outras cousas que taes,

além de regulado, — que voltasse por elle d'ahi a uma semana.

Depois de limpo, untado e regulado, principiou a andar ronceiro a tal ponto que batiá descompassado como um chocalho.

Comecei então a ser abandonado pelos comboyos, a faltar ás horas ajustadas, a perder o jantar; o relógio extendia até quatro os tres dias de cortezia e choviam sobre mim os protestos; gradualmente fui descahindo para hontem, depois para ante-hontem, depois para a semana passada e dentro em breve entrei a reconhecer que ia ficando isolado e solitario nas semanas antepassadas e que começava a perder o mundo de

Dos nossos poetas

O PESCADOR

(LI—TAI—PÉ)

*Derreteram-se as neves nos outeiros ;
A ameixeira em perfumes se desata ;
Parecem d'ouro as folhas dos salgueiros,
E ao sol brilham os lagos como prata.*

*E' a hora melancolica e sagrada
Das tenues borboletas multicores,
Repoisarem a fronte avelludada
No pequenino coração das flores.*

*O pescador crestado e musculoso,
Do seu barquinho immovel, atirava
A rede sobre o lago silencioso,
Que a superficie limpida quebrava.*

*Veio-lhe á ideia aquella creatura,
Em casa, todo o dia, á sua espera,
Como a andorinha delicada e pura
No brando ninho que d'amor tecera.*

*E assim, com esse firme pensamento
Na companhia, que ficou sosinha,
Vae regressar levando-lhe o sustento,
Como o esposo da timida andorinha...*

ANTONIO FEIJÓ.

(1) Um dos nossos parnasianos de maior valor. — Delicado e fino artista, burila os seus versos com o esmero e a graça com que um ourives do seculo XVI trabalharia as suas joias. — Mas na sua Arte não ha só *forma* e *objectivismo*; ha tambem sentimento, por vezes um profundo e apaixonado sentimento de meridional, como o que illumina paginas adoraveis das suas «Lyricas e Bucolicas». — Na interpretação dos poetas chinezes, Antonio Feijó soube dar-nos todo o perfume original e extranho da sua Arte bizarra, tão graciosamente ingenua e simples.

vista. Parecia-me surprehender em mim mesmo uma especie de sentimento que furtivamente me invadia, inclinando-me para as mummies dos museus, e como que desejava entrar em colloquio com ellas.

Fui a um relojoeiro outra vez.

Este reduziu-me o relógio a boccados enquanto eu esperava e em séguida disse-me que o tambor estava dilatado. Era arranjo para tres dias.

Depois d'isto o relógio dava-me um termo medio, mas nada mais. Durante metade do dia andava como um desenfreado, e fazia tal bulha, tinha uma tal ronqueira, um tal resfolegar, soltava taes latidos, tal alarido, que eu proprio nem podia ouvir o que pensava de taes disturbios; e, enquanto queria, não havia relógio na terra que pudesse lutar com elle. Mas durante o resto do dia deliberava atrazar-se e assim ia estonteado até que todas as horas que tinha deixado para traz o apanhavam outra vez. De modo que, por fim, volvidas vinte e quatro horas, podia apresentar-se deante do melhor enten-

dedor, certo em ponto e sem novidade. Mostrava então uma hora média muito honesta e pacata, e ninguém n'este mundo seria capaz de avançar que elle houvesse feito mais ou menos do que o seu dever. Porém, uma media correctá é apenas uma fraca virtude n'um relógio, e eu tratei de levar o instrumento a outro relojoeiro.

Este disse-me que o escape estava partido. Respondi-lhe, que ainda bem que não era coisa mais seria. Para falar a verdade completa, eu não tinha a menor idéa do que fôsse o escape, mas entendi que me não era permitido parecer ignorante deante de um extranho.

Concertou-se-lhe o escape; mas aquillo que o relógio ganhava n'um dia, perdia-o no outro. Andava durante algum tempo, depois parava um pedaço, em seguida andava outra vez um boccado, e assim successivamente, usando de completa liberdade no respeito aos intervallos. E de cada vez que disparava um avanço seguia-se-lhe um recuo, como arma de fogo quando atira.

Contive a minha impaciencia durante alguns dias; mas finalmente levei o relógio a outro relojoeiro.

Este fê-lo inteiramente em boccados, e examinou com demora as ruínas debaixo da sua lente; por fim disse que lhe parecia que o desarranjo estava no cabello.

N'essa conformidade o concertou e pol-o em movimento.

Agora andava bem, com a excepção de que, sempre que faltavam dez minutos para as dez, os dois ponteiros fechavam-se como uma tesoura e d'ahi por deante caminhavam juntos. O homem mais pratico do mundo era incapaz de fazer a menor idéa do tempo deante de semelhante relógio, de maneira que não tive outro remedio senão procurar quem de novo lhe dêsse concerto.

Este agora disse-me que o mostrador estava um pouco curvo, e que a mola real não estava direita.

Observou tambem que parte das peças precisavam ser substituidas.

Fez tudo quanto entendeu, e d'ahi o meu relógio começou a funcionar de modo que seria inexcedível se, de vez em quando, depois de trabalhar, com proposito, durante umas oito horas proximamente, lhe não dêsse lá por dentro uma cousa qualquer repentina, com que elle começava a zumbir como uma abelha, principiando os ponteiros immediatamente a andar á roda, á roda, tão depressa que toda a sua individualidade se perdia completamente, e elles não pareciam mais do que uma delicada teia de aranha sobre o mostrador. Andava assim as vinte e quatro horas seguintes em seis ou sete minutos, e por fim parava com uma pancada.

Fui, com um peso no coração, procurar ainda mais outro relojoeiro, e fiquei olhando para elle enquanto me desmanchou o relógio todo.

Então preparei-me para o interpellar asperamente, porque as cousas já se iam tornando sérias. O relógio tinha-me custado primitivamente duzentos dollars, e creio que já tinha gasto duzentos ou trezentos em concertos.

Enquanto esperava e observava o que se estava fazendo, reconheci no relojoeiro umas antigas relações — um antigo engenheiro ma-

chinista de bordo, e até por signal bém máu engenheiro.

Examinou todas as partes cuidadosamente, tal e qual como os outros relojoeiros tinham feito, e findo o exame pronunciou o seu veredictum com a mesma confiança e os mesmos modos.

Disse:

«Produce vapor de mais — é preciso ter sempre a chave na valvula de segurança!»

Fiz-lhe saltar os miólos immediatamente, e mandei-o enterrar á minha custa.

Meu tio William (Deus lhe fale n'alma!) costumava dizer que um bom cavallo era um bom cavallo até ao dia em que tomava o freio nos dentes, e que um bom relógio era um bom relógio enquanto lhe não tocavam os relojoeiros. E costumava admirar-se de não saber o que era feito de todos os caldeireiros, espingardeiros, sapateiros e serralheiros mal succedidos no seu officio; mas isto foi cousa que nunca ninguem lhe disse.

MARK TWAIN.

Chronica ligeira

O S. Martinho d'esta vez falhou. O seu verão tem sido indeciso e *illogico*, se é permittida a revivescencia nephelibata no que toca á qualificação do tradicional *estio* que, em novembro, é de costume gosar-se, attribuindo-o á influencia generosa do orago da conhecida irmandade dos vinophilos. Falhou e com grave transtorno. Os raros dias de sol que se desfructaram, foram cheios de hesitações, d'aspecto doentio, sem aquelle franco esplendor que costuma exhibir o nosso lindo e ameno outonno.

S. Martinho abandonou-nos, talvez como protesto á esperada lei da separação da Igreja do Estado. Retirou a sua luminosa munificencia e deixou de diffundir bençãos de luz, tão prestimosa e necessaria, como acariciadora e suggestiva.

Isto era em novembro. Agora — santo Deus! — tem sido um horror. Inverno do mais tempestuoso. Mas, emfim é tempo,

Mas em novembro os bellos dias que era de costume fruir-se! . . . O radioso *verão* de S. Martinho! . . .

Foi-se, não ha que ver. Deve tel-o levado a Republica na acção nervosa do seu radicalismo impenitente. Pois antes estivessemos sob os dominios da celebre virtude triumphante ou do piedoso intolerantismo do sr. Jacintho Candido, com o Padre Mattos por apostolo.

Isto, é claro, não é *philosophia* cá de casa. Foi respigada na contemplação d'um grande *acto de fé*, em que ao santo *revoltado* sacrificava o respectivo cangirão, um d'esses muitos *fanaticos*, que confundem os seus fervores religiosos com os fogos estonteantes das libações desregradas.

Coitado! Mas que *logica* a d'esse homem que, demais a mais, não era um desgraçado.

—Mas que impressão lhe poderia causar, dirá o leitor, se na conclamação atabalhoada do sacerdote de Baccho, havia já excesso de *penitencia*?

E' que eu presenciei a cerimonia desde o inicio, antes das primeiras *offerendas*. Fui assistente casual e apprehendi toda a theoria d'esse espirito, quando ainda discorria com a lucidez de que dispõe.

Era o sectario completo, que abdicara de todo o raciocinio. Não argumentava, affirmava, jurava. Mas que asserções e protestos, santo Deus!

Porém, não foi positivamente para descrever tal scena que eu invoquei o S. Martinho e a falta do seu verão.

Ha n'isto uma certa ligação, pois, segundo o *critério* da pessoa a que alludo, e o d'outras eguaes creaturinhas, tudo que agora succede de mau, é por causa da Republica.

Já assim era n'outros tempos:

«Vão ao milho os pardaes?

E' por causa dos Cabraes.»

Agora é o novo regimen quem as paga.

E mette-se os santos na baila sem respeito ou escrupulo de especie alguma.

Mas tudo isto revela o atrazo do nosso povo. E sob o ponto de vista da sua educação a Republica tem muito a fazer.

Urge, porém, a maior sinceridade e ponderação.

QUADRAS DO NOSSO POVO

*Toda a gente lá na egreja,
Oh meu amor, te cubiça ;
Mas tu não vês quem te vê,
Nem quem te vê ouve missa.*

*

*Andaes abaixo e acima,
Não ataes nem desataes ;
Quem caçará a pombinha
No laço que vós lhe armaes ?*

*

*Disse-me depois o fumo,
A desfazer-se no ar,
Que o teu amor, que Deus haja,
Nunca mais ha de voltar.*

*

*Teu coração com o vento
Anda agora ao desafio ;
Dizei-me, ó vento do mundo
Se ha coração mais vadio.*

*

*Antes que o lume se apague,
Na cinza fica o calor :
Antes que o amor se acabe,
No coração fica a dor.*

Não se vá com enthusiasmos excessivos ou preocupações lamentaveis, estragar uma grande obra, que é a instituição do civismo na alma do povo e a sua preparação para as bellas conquistas da civilisação.

E aqui está como a notar a falta do verão de S. Martinho, sob a evocação episodica d'um facto, que seria simplesmente divertido se não se attentasse no lado serio que encerra, eu ia caindo no grande problema da educação, n'um dos seus aspectos mais momentosos.

Mas eu já me calo, que sobre tal assumpto ha cá na «Revista» quem o saiba tratar com mão de mestre. E o leitor que o queira profundar siga nos seus proficientes trabalhos o brilhante auctor das «Cartas á minha vizinha».

M.